

À OBRA ANONYMA DE UM PAULISTA ESQUECIDO

QUEM FOI ANTONIO CARLOS DO CARMO E O QUE ELLE FEZ NA VIDA — ALMA DE BOHEMIO, CORAÇÃO DE PATRIOTA

O sr. Plínio da Silva Ayrosa, dedicado estudioso das coisas do passado paulista, leu, ontem, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, o bello trabalho que abaixo reproduzimos, lembrando os factos principais da vida do artista circense Antonio Carlos do Carmo.

Paulista, natural de Franca, alma heroica de bohemio, dotada de todas as bellezas moraes das grandes espiritos, Antonio Carlos do Carmo, sabido, creança humilde e pobre, de sua terra natal, conseguiu, graças ao seu arrojio e intelligencia, empolgar os grandes centros civilizados do mundo.

É o seguinte o trabalho do sr. Plínio Ayrosa:

Desde os tempos do Circus Flaminius, construído no anno 220 da era pre-christã, no Campo de Marte, até hoje, soffrendo apenas adaptações ditas por exigências locais, o circo tem mantido a sua tradição e conservado os seus característicos basicos. As corridas tremendas dos carros baixos, as "naumachias" ou combates navaes, os reencontros de feras brutas e rugidoras, os sete circuitos em redor da "spina", as vestes symbollicas dos quatro cocheiros classicos, o "podium" e os palanques, a porta "triumphalis" e a "porta pompae", tudo são recordações de infancia desses mesmos circos que ainda hoje perambulam, num incrível apego á vida errante, pelas villas e aldeias quietas, ou pelas cidades e capitães bulhentas.

Artistas e acrobatas, palhaços e equilibristas, magicos e musicos, ainda hoje se vão pelas estradas asperas, buscando o applauso que as crianças não lhes negam, e o sorriso condescendente dos que os julgam simples aventureiros miseraveis.

Como outr'ora, mal chegam á aldeola silenciosa, erguem logo mastroes pintados e puxam logo para o alto as cordoalhas emmaranhadas. Após tremularem, como estrellas, bandeirinhas multicores e sacoleja, monstruoso e enfunado, o grande cône de lona branca. Surgem, como por encanto, o picadeiro e as bancadas em arco, e os carcereiros dos bichos amestrados.

Armado o circo, lá se vai para a rua, enforquilhando um cavallejo magro, o palhaço de sempre, cantando trovas maliciosas, a chamar a attenção do povaré. Atraz delle, em mangotes, de molecada bisca estrepitosamente os estribilhos chulos.

Numa obediencia cega ao programma secular, inaugura-se o circo ao som fanhoso da charanga local. As mesmas quitadeiras de sempre, bem pectas em vestes de cotingão, postam-se em fila fronteiriças á entrada, trazendo á noite lanternas ancestraes para melhor vista das cocadas e panonhas.

Molecotes e negros velhos abanham brassas rebeldes para fornecer em tigelinhas enramadas o café quente e saboroso.

O circo, repetindo pelos annos em fóra as mesmas scenas e equilibrando os artistas nos mesmos arames, creou também essas scenas externas, como as de dentro, immutaveis e pittorescas.

UM CIRCO BRASILEIRO

Pois foi um desses circos que, por volta de 1850, resolveu acampar na muito trabalhadora Franca do Imperador. Acampou e seguiu á risca os tramites circenses.

Sob o grande "abat-jour" illuminado a carbureto, depois da marcha batida pela banda, um velho ringe souas tres badaladas do estylo. Fincando o corpo, em segares exquisitos, vestido de quadrangulos de côr, face borrada a alvaiade, surgiu o palhaço para gaudir da criança. Rodopiaram gymnastas em barras improvisadas, enovellaram-se athletas para, em lance lido e rapido, conseguirem o pavoroso salto mortal, estalaram chicotes longos de tranças finas nas mãos do artista equestre, passou enfim pelo picadeiro coberto de serragem fina, toda a "troupe" sorrindo e agradecendo os applausos freneticos das bancadas repletas.

Velo depois a pantomima, visível recordação das "naumachias", e dos autos antigos. Terminou a "função". Por entre o bando garrulo das crianças que em commentarios innocentes deixava o Circo, já com saudades, um menino de olhar attivo e de fronte intelligente, não sorria, não commentava; sonhava e previa...

O PRECURSOR

Era Antonio Carlos do Carmo. Sãbia seduzido, não pelos movimentos da pantomima, não pelos trejeitos do palhaço, mas pela agilidade e pela elegancia do "jockey" que, em pé sobre a sella do cavallo rapido, estalava o chicote longo de trança fina.

Empolgava-o a vida feliz daquelle cavalleiro, a vida aventureira daquelle homem. De facto, o picadeiro apaixonado, os lances de arrojio arrebatam, a vida livre e andeja seduz violentamente.

Para os espiritos irrequietos, para os amantes de sensações novas, presos á banalidade de uma vida vegetativa e amarrados á tristeza das cidades mortas, o circo é uma revelação e um convite perigoso. Todo aquelle bulicio, todo aquelle exotismo de vestes e alamares, todo aquelle apromptar de malas para viagens interminaveis, tem de facto qualquer coisa de encanto e felicidade.

O pequeno francano começava a desejar, e via-se um grande picador, domando ginetes arabes, montando cavalgaduras colgadas de seda.

No dia em que o circo baixou os seus mastros e enrodilhou os seus tapetes sujos, nesse dia tambem Antonio Carlos do Carmo, num impeto de coragem e de idealismo, preparou a "trouxinha" modesta para partir. O circo partiu e elle partiu com o circo.

Começou nesse instante a vertiginosa carreira artistica do maior cavalleiro circense do Brasil. O humilhado filho do major Carmo, sapateiro que toda a Franca conhecia, lá se foi levado pela fatalidade do Destino, arrastado inconscientemente pela gloria que o queria e pela ansia de ser grande que o dominava.

Lagrimas de mãe, conselhos rispidos de pai, motejos surdos de invejosos, sorrisos abafados de descrentes, tudo desapareceu e se inutilizou ante a perspectiva fantastica de ver novas terras e de ver novas gentes, ante a possibilidade de noites encaes de applausos e de triumphos.

Paulista, herdeiro natural do arrojio de seus antepassados, tanto partia para o sertão bruto atraz do ouro, como partiu para a pompa das cidades atraz da gloria seductora. O que a sua alma exigia era a aventura, era a vida heroica, era a sensação de sentir-se senhor de si, em ambientes largos. Bandeirante de uma bandeira nova, foi para voltar um dia, senão com os surrões abarrotados de ouro, ao menos com a fronte coroada de myrthos. A pequena Franca que o esperasse.

OS PRIMEIROS TEMPOS

As palavras seriam insufficientemente violentas si quizessem descrever os primeiros tempos de aprendizagem no circo que o levou. É bem conhecido o regime brutal a que estão sujeitos os candidatos á acrobacias... Não tentemos desvendiar o mysterio desses dias terriveis que fizaram de um humilde sertanejo, o montador perfeito e o artista exímio.

Perambulou por villas e cidades, incognito e maltratado. Mas que importam as maguas e os dissabores quando o sonho é grande?

Puxando o cordame dos mastros ou bateado as estacas nos bivaquês, Antonio Carlos chega ao Rio de Janeiro. Era o primeiro pouso na senda da victoria. Que esplendida emoção não teria sentido o moço francano, habituado ás collinas silenciosas de sua terra natal, em face do maior scenario natural do mundo!

Com que deslumbramento não teria

visto, emergindo das aguas calmas da Guanabara, a floração caprichosa e linda das ilhas leves, orgulho e pompa do velho Atlantico. E a terra toda, fresca e verde, tentadora e luxuriante, atrahindo para o azul diaphano do céu os seus ansiosos de pedra e o gorgoleio de seus ninhos, deu-lhe por certo maior animo para a luta maior vontade de vencer. O Circo Grande Oceano que se exhibia na Côte, nesse tempo, acolhe-o certo de conquistar mais um



ANTONIO CARLOS DO CARMO (O original da photographia traz a data — Franca, 29 de julho de 1871)

numero de successo para o silencio escolhido.

Antonio Carlos saíra para o picadeiro afamado, e sem nome, agil e elegante apenas, domina a assistencia numerosa. Chovem applausos nervosos, enche-se o circo de um rumor extranho quando elle, de pé no centro da pista, ao lado de seu cavallo dextro, agradece em curvaturas fidalgas, as palmas em turbilhão. O fragor augmenta cada vez mais, denunciando a gloria que já vinha proxima.

AS PRIMEIRAS VICTORIAS

Do successo obtido proveio naturalmente o convite para acompanhar a Empresa. Aceitou-o, e dias após seguiu para os Estados Unidos, já na plenitude de seus sonhos, como artista consumado, como elemento de valor indiscutível entre os seus pares. Ao seu espirito arguto abria-se o panorama do mar largo e o palco vasto das cidades tentaculares. Começa a conhecer o mundo, a civilizar-se, a instruir-se.

Durante um anno percorre os grandes centros "yankess", adrestando-se, recebendo louros, fazendo-se notavel. Dos Estados Unidos vai á Franca, e lá, sob a eupela do Circo Napoleão, em plena Paris, ouve o seu nome ovacionado e sente na face o beijo quente da gloria.

De Paris vai a Roma e trabalha nos jardins do Vaticano, a convite do papa Pio IX.

A VOLTA

Falando francez e inglez, perfumado pelo aroma subtil das velhas civilizações, volta á sua terra natal para abraçar a mãe que jamais esquecera, e para rever saudoso o ninho de onde partira para essa arrancada de lenda.

As suas idéas adiantadas, a sua elegancia, a finura de seu trato e o amor a terra de seus paes, não impedem porém que cada vez mais se apaixone pela vida errante. Passados os dias de descanso, volta ao Rio de Janeiro e organiza um grande Circo para percorrer as provincias do Imperio.

Novos louros, novas victorias. Por duas vezes passa pela Franca com a Companhia, antes e depois de 1870. Mas a Europa o chamava. As velhas cidades cheias de encantos atrahiam-no. E elle foi, não mais como artista de circo, mas como simples touriste, percorrer a Beigica, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia e a Franca. Acompanhou a nessa peregrinação, o muito illustre monsenhor Pinto de Campos, sacerdote cheio de virtudes e de cuja amizade podia se orgulhar Antonio Carlos.

VIDA NOMADE

Assim, nesse vagarear constante pelo mundo, passa os melhores dias de sua vida. E tão varia lhe foi a existencia, tão complexa a sua trajetoria através dos continentes, que hoje mal se conseguirá fixar-lhe os pontos capitães. Ora nos Estados Unidos, ora em Paris, ora em Roma, ora no Rio, em Santos, em Milão, por toda a parte scintilla o seu nome, só o seu nome, sem datas e sem os detalhes que a Historia costuma exigir de seus heroes. Mas que importam detalhes si a sua silhueta de gigante é visível, é positiva, é grandiosa e nobre. Antonio Carlos, como as aves, viveu adejando sem preoccupações mesquinhas; pousou onde quiz e quando quiz. Só a traços largos é possível gizar a sua personalidade. Vimos a sua actuação como artista, a sua nobreza de caracter, o seu ferreo desejo de vencer. Vejamos agora a sua feição de patriota e a sua indole de affectuoso e bom.

O PATRIOTA

Em 1869, em Santos, sem alarde e sem exhibição alguma, quasi só, colloca elle mesmo, Antonio Carlos do Carmo, sobre o tumulo esquecido de José Bonifacio de Andrada e Silva, na Igreja do Convento do Carmo, a lapide mais expressiva e mais linda que poderia merecer o grande Patriarcha.

Janais o artista de nossa Independencia recebeu homenagem mais tocante e premio maior. Sobre o tumulo simples e sem inscripção alguma, não foram os historiadores, não foram os incensadores de nomes celebres gravar uma data sequer... Foi o simples, o pauperrimo filho do sapateiro de Franca, o agil montador de circo, quem, ultrapassando em belleza moral e em senso patriótico os grandes de sua terra, collocou a lapide, talvez hoje perdida, sobre os restos mortaes daquelle que milhões de brasileiros acclamaram para esquecer logo depois. Esse rectangulo de marmore sobre a tumba de José Bonifacio, sendo por vontade de Antonio Carlos uma homenagem sua apenas, é pela força mesma da expressão, um protesto solemnissimo contra o desdem, contra o esquecimento e contra a versatilidade dos seus contemporaneos. Protesto frio e altivo.

Creemos que em toda a nossa Historia não haja outra lição tão formidavel de patriotismo, outro espelho tão luminoso onde se possam mirar os apregoadores de nosso amor ao passado e os nossos mestres de patriotismo verbal e tólo.

Quarenta e sete annos passaram sobre a data de nossa Independencia sem que ninguém tivesse a lembrança de prestar essa pequenina homenagem ao seu maximo defensor. Foi preciso que um artista de "cavallinhos" viesse assignalar o grande sepulcro do Convento do Carmo. Eis os dizeres da lapide modesta:

Aqui jaz
O Patriarcha da Independencia do Brasil
grande desinteressado
patriota, distinto cidadão
José Bonifacio de Andrada e Silva
tributo a virtude
honra a merito
Pelo artista A. C. do Carmo
Santos, 7 de setembro de 1869 - 47 annos.

Nunca se dirá com mais propriedade de dois extremos se tocaram. O severo e riquissimo monumento funebre que hoje abriga os restos de José Bonifacio, em Santos, nada vale em confronto com essas palavras rudes do filho do sapateiro de Franca. Diante do granito pomposo e do bronze caro, por certo que o pedacinho de marmore desapareceu.

je perdida, sobre os restos mortaes daquelle que milhões de brasileiros acclamaram para esquecer logo depois. Esse rectangulo de marmore sobre a tumba de José Bonifacio, sendo por vontade de Antonio Carlos uma homenagem sua apenas, é pela força mesma da expressão, um protesto solemnissimo contra o desdem, contra o esquecimento e contra a versatilidade dos seus contemporaneos. Protesto frio e altivo.

Creemos que em toda a nossa Historia não haja outra lição tão formidavel de patriotismo, outro espelho tão luminoso onde se possam mirar os apregoadores de nosso amor ao passado e os nossos mestres de patriotismo verbal e tólo.

Quarenta e sete annos passaram sobre a data de nossa Independencia sem que ninguém tivesse a lembrança de prestar essa pequenina homenagem ao seu maximo defensor. Foi preciso que um artista de "cavallinhos" viesse assignalar o grande sepulcro do Convento do Carmo. Eis os dizeres da lapide modesta:

Aqui jaz
O Patriarcha da Independencia do Brasil
grande desinteressado
patriota, distinto cidadão
José Bonifacio de Andrada e Silva
tributo a virtude
honra a merito
Pelo artista A. C. do Carmo
Santos, 7 de setembro de 1869 - 47 annos.

Nunca se dirá com mais propriedade de dois extremos se tocaram. O severo e riquissimo monumento funebre que hoje abriga os restos de José Bonifacio, em Santos, nada vale em confronto com essas palavras rudes do filho do sapateiro de Franca. Diante do granito pomposo e do bronze caro, por certo que o pedacinho de marmore desapareceu.

A LITICA REFERENCIA

Desappareceria com elle a prova dessa pagina luminosa de amor patrio se o "Correio Paulistano" de 10 de setembro de 1869, não tivesse guardado nas entrelinhas de uma noticia simples, a sua essencia e seu calor immorredouros. Eis o que disse o grande orgão de nossa imprensa:

"Tumulo de José Bonifacio — A 7 do corrente foi posta uma pedra marmore sobre o tumulo do notavel paulista José Bonifacio de Andrada e Silva, cujas cinzas acham-se em uma das sepulturas da capella-mór da Igreja do Carmo em Santos. Este acto piedoso foi feito pelo artista Antonio Carlos do Carmo, filho desta provincia e director da Companhia Equestre, que trabalha actualmente em Santos. É digno de louvar o modesto patriotismo daquelle artista. Deu-se o acto sem a minima solemnidade, estando presentes duas ou tres pessoas simplesmente, apesar da consideração que em palavras tributa-se entre nós aquelle grande vulto da historia patria".

OUVINDO CARLOS GOMES

Como brasileiro e paulista sinto dolorosos os commentarios sobre esse assumpto. Quero curvar-me, em silencio, ante a figura de Antonio Carlos do Carmo.

Mas esse homem extraordinario quiz ainda requintar em elegancia moral e civica, quiz ligar ainda o seu nome modesto ao de outro brasileiro imensamente glorioso.

Carlos Gomes está em Milão. A sua opera magistral — "O Guarany" — vai ser levada ao palco do Scala. Ha um movimento de curiosidade geral. Enche a grande sala do theatro afamado, uma assistencia fina, culta e elegante.

O maestro campineiro, desconhecido e pobre, vai lançar-se á critica severa dos musicos e artistas europeus. Abre-se o velario, e a orchestra, sob a sua regencia, numa ascensão formidavel, num hymno profundamente frenal e encantoso e mais exigente. Reboam palmas insuperminváveis, freneticos applausos inspermitivam por toda a parte. Carlos Gomes vencerá, vencerá São Paulo, o Brasil vencerá.

Mas quantos brasileiros se deram ao trabalho de ir assistir a victoria da sua Patria? Quantos brasileiros tiveram a curiosidade de ir ouvir uma assembleia das mais cultas da Europa sagrar o maior genio musical da America? Quatro ou cinco apenas. E que reis saber quem era um desses patriotas abnegados?

Era o filho do sapateiro de Franca, elle mesmo, Antonio Carlos do Carmo, artista equestre de uma Companhia de Cavallinhos.

São delle proprio estas palavras:

"A minha emoção era immensa, mas quando os applausos romperam de todos os lados do salão do Scala, quando succediam-se uns aos outros os chamados á scena, o meu enthusiasmo tocou ao delirio; o meu desejo era que ali, naquelle Theatro, estivesse a Provincia de S. Paulo, o Brasil inteiro, para presenciar os triumphos do nosso patriota que eram os triumphos de nossa nacionalidade".

Jámais palavras mais sinceras e mais entusiastas poderão ser pronunciadas por um brasileiro. O seu elogio a Carlos Gomes, vivo e applaudido, tem o mesmo cunho de nobreza e altivez que as palavras da lapide offerrecida a José Bonifacio, morto e esquecido.

A esses dois nomes: José Bonifacio e Carlos Gomes, quiz o destino caprichosissimo que ficasse ligado o de Antonio Carlos do Carmo.

Santos, Campinas e Franca são os tres vertices luminosos do triangulo gizado pelo arroubo quasi poetico desse carinhoso artista. Para quem tinha vindo de um picadeiro de circo, tudo isso devera parecer fantastico; e não era, era apenas a realidade positiva e sobrana.

O PHILANTROPO

Eis ahi, senhores, em largos traços rapidos o perfil desse homem extraordinario, desse predestinado que em 31 annos de existencia, soube apenas ser generoso, ser patriota, ser sincero e ser bom. E para que nada faltasse á sua vida arrebatadora e breve, nimba-lhe ainda a fronte um halo santido de piedade.

Amigo de monsenhor Candido Rosa, vigario da Parochia de sua terra, lança com elle a idéa da fundação da Santa Casa de Misericórdia que é hoje uma "formidavel realiação", no dizer de Antonio Constantino, o carinhoso e illustre conhecedor da historia de Franca.

Si Antonio Carlos do Carmo nos empolga pela vertigem de seus passos e pelo ardor com que viveu, commovemos pela brandura de sua alma e pela bondade infinita de seu coração. O destino que o fez tão grande, abate-o no entretanto em plena pujança de sua mocidade. Aos trinta e um annos de idade, no Rio de Janeiro, nesse scenario maravilhoso que tanto o devia encantar, desapareceu para sempre o homem que mais honrou as tradições do Circo em nossa terra, victima do flagello tremendo da febre amarella.

Que estas rapidas palavras, sem côr e sem brilho, caiam sobre o tumulo desconhecido do patriota e do artista, do beneficor e do filho bom, como simples homenagem sincera dos que não o esqueceram ainda, dos que com eu, na inutilidade de uma vida de lutas inglorias, sentem-se humilidos e pequenos diante da actividade pasmosa e util dos seus dias esplendidos de gloria.

Nota — Os dados relativos á vida de Antonio do Carmo, em grande parte nos foram fornecidos pelo prezado amigo dr. Antonio Constantino, conhecido historico da Franca. Delle obtivemos tambem a photographia que estampamos.

O tempo

Resumo do Boletim Oficial

Na Capital, até 14 horas

Temperatura maxima, 26,8.
Temperatura minima, 12,8.
Temperatura media de hontem, 18,5.

Chuva em 24 horas - 0,0 mm.
Vento predominante - NE.
Tempo geral - bom.

No Interior

Temperaturas mais altas: 20,8 em Igarapava e 20,5 em Faxina. Mais baixas: 15,3 em Avaré e 16,4 em Piracicaba.

No litoral

A temperatura em Iguape foi de 22,6 e em Santos de 25,0, ás 9 hs.

NOTA — Faltam dados de Amparo, Botucatu, Brotas, Campos do Jordão, Itapetininga, Ourinhos e Ribeirão Preto.